

mudar de vida

António Manuel Lima (coord.)

António Manuel S. P. Silva

Filipa Cortesão Silva

Maria Pilar Reis

José d'Encarnação

Rui Morais

Virgílio Hipólito Correia





Prefácio

Comemora-se este ano o trigésimo aniversário da classificação da Área Arqueológica do Freixo como Monumento Nacional.

Com os seus 50 hectares este monumento, cuja gestão está a cargo da Direção Regional de Cultura do Norte, constitui uma das maiores extensões de área classificada a merecer esse estatuto no nosso país. Como se a sua enorme dimensão não constituisse, por si só, uma garantia de afirmação no panorama português do património cultural classificado, a Área Arqueológica do Freixo soube afirmar-se também por outras vias.

O projeto de investigação, formação, gestão, dinamização e valorização patrimonial que aqui foi implementado desde 1980 sob a liderança de Lino Augusto Tavares Dias, permitiu desde logo afirmar as ruínas romanas de *Tongobriga* e a aldeia histórica de Santa Maria do Freixo como as duas realidades patrimoniais – distintas mas complementares – mais relevantes do espaço classificado.

A elas acresce uma vasta extensão de terrenos que foram sendo adquiridos pelo Estado e que, além de constituírem uma fonte inesgotável de conhecimento científico pela imensa riqueza arqueológica que os seus solos encerram, constituem também – fruto do trabalho de permanente manutenção e tratamento dos cobertos vegetais – imensos espaços de lazer ao serviço de todos.

A qualificação patrimonial da Área Arqueológica do Freixo foi ainda mais além através de um conjunto de intervenções arquitetónicas contemporâneas que permitiram, para além de albergar os diferentes serviços ligados à investigação e formação, alargar o conjunto de equipamentos culturais ao serviço da comunidade.

Entre eles permitimo-nos realçar o Auditório e o Centro Interpretativo, ambos construídos ainda na primeira década do século XXI, mas só agora verdadeiramente postos à disposição de todos, mercê da execução de um projeto que em boa hora juntou, como parceiros e co-promotores, a Direção Regional de Cultura do Norte e a Câmara Municipal de Marco de Canaveses e que contou com financiamento comunitário para o efeito.

Eis-nos, pois, perante um momento de vital importância na vida deste sítio: depois da inegável afirmação das suas ruínas arqueológicas no contexto da comunidade científica nacional e internacional, a abertura da exposição permanente do Centro Interpretativo de Tongobriga irá permitir acrescentar uma nova dimensão à sua existência. Estamos, finalmente, em condições de narrar uma história, dando sentido aos achados arqueológicos que, deste modo, passam a estar integrados num discurso coerente que permite a apreensão do seu significado.

António Ponte
DIRETOR REGIONAL DE CULTURA DO NORTE

*Para uns, o romano
seria uma fonte de admiração.*

*Transformar-se num deles,
seria uma legítima aspiração pessoal.*

*Para outros, uma inaceitável negação
da sua identidade.*

*Para outros ainda, apenas
uma estranha forma de vida.*

*Para todos, em duas ou três gerações,
seria uma realidade.*

*Em menos de um século, todas as resistências
e inércias seriam vencidas.*

*E, do nascimento à morte,
todas as etapas da vida
estariam impregnadas de romanidade.*



sobreviver

ASSEGURAR A VIDA



Assegurar a vida

Virgílio Hipólito Correia

A sociedade romana era profundamente estratificada e desigual: mais de um terço de escravos, de um lado, e do outro uma pequena elite possidente que tudo domina e detém, mas representa menos de 10% da população; no centro restava a *plebs media*, a massa dos habitantes que, gozando de liberdade pessoal no acesso aos meios de sobrevivência, vive na efetiva dependência política e social da elite de uma forma quase completa.

É este o panorama de uma Cidade média no Ocidente do império.

Ao contrário do que acontece em Roma ou no resto da Itália, onde esta massa populacional é composta por cidadãos de pleno direito – mesmo que economicamente despojados – na periferia do Império a maior parte do *cetto medio* (para usar a expressão cunhada em Pompeia para definir estas gentes e as suas casas) é composta por indígenas, saídos diretamente do meio conquistado ou seus descendentes.

Isto implicava, certamente a sobreposição de distintos níveis de distinção social, ligados uns à perspectiva romana, sobretudo jurídica e econômica, outros às perspectivas tradicionais, provavelmente mais ligadas às origens geográficas e às pertenças gentilitárias e étnicas.

Independentemente do seu posicionamento social específico, a atividade essencial de todas estas pessoas seria, incontornavelmente, a agricultura.

Em primeiro lugar uma agricultura de subsistência, que mesmo nas regiões de maior desenvolvimento das culturas de rendimento, como a da vinha ou a da oliveira, foi sempre uma fatia maior da atividade agrícola, podendo chegar a ocupar 1/3 da propriedade; ainda que parcialmente monetizada a agricultura romana nunca pôde dispensar o facto básico de que, para produzir algum excedente, o agricultor tinha de se alimentar a si próprio primeiro.

Na ausência do grande latifúndio autossustentado, como seria o caso no noroeste peninsular, os núcleos urbanos desempenhariam para esta agricultura um papel fundamental, de fornecedores de bens e produtos especializados, só muito parcialmente supriáveis pela produção doméstica: a forja de instrumental agrícola, a cerâmica de armazenamento e transporte, são algumas das atividades que a Arqueologia nos revela terem existido; a carpintaria especializada que produz teares, aparelhos de lagar e veículos para atrelagem, a fiação de produtos têxteis específicos, a transformação de peles

de animais em couro e objetos nele produzidos, são exemplos de outras atividades que, lidando com materiais perecíveis, não deixaram os mesmos vestígios, mas que certamente tiveram lugar num cenário urbano.

Mas a cidade é também um mercado, por onde se escoam os excedentes e onde se obtém os produtos de luxo que a economia colonial coloca à disposição de todos.

O artesanato urbano e o comércio juntam-se à atividade política e à residência da elite para formar cidades em áreas onde tradicionalmente elas não existiam (mesmo que o povoado nucleado pudesse chegar a ser expressivo). Para a sua construção foi de novo a *plebs media* que forneceu o contingente necessário: do trabalhador braçal ao pedreiro especializado, ao mestre-de-obras e ao *redemptor* (que hoje chamaríamos de "empreiteiro"); a montante da construção, nos proprietários e trabalhadores da pedreira, do forno telheiro e do de cal, e nos que exploravam e transformavam a madeira das florestas; a jusante, no pessoal doméstico e auxiliar que novos cenários arquitetônicos tornam indispensável, como é o caso das termas, amenidade oferecida a todos que, todavia,

requisita uma grande quantidade de pessoal para a sua operação. A cidade alimenta a sua própria existência, cria necessidades novas pelo simples ato de oferecer novas oportunidades e torna-se o quadro de vida por excelência.

No quadro urbano onde vive ou onde ocorre com frequência, a massa da população vive na dependência da elite. Esta dependência é política, nomeadamente através de mecanismos da clientela e patrocínio; é económica, pois o agricultor é muito frequentemente, um rendeiro através da *locatio conductio*; é social, pois a elite domina a administração municipal, que condiciona a mobilidade social e é, para todos os efeitos, o modelo a seguir.

E o modelo é, indiscutivelmente um modelo romano, pois desde um primeiro momento, contemporâneo da própria conquista militar, a cooptação das notabilidades locais para o novo quadro foi o processo por excelência de integração romana. Assim, a mobilidade social que indiscutivelmente existe (um escravo pode ser libertado e até herdar os bens do seu antigo amo; um indivíduo pode enriquecer no livre exercício das suas atividades; se o fizer com suficiente sucesso pode aceder à administração municipal, o que significa, a partir

do final do séc. I, a acessão à cidadania romana, por si e pelos seus descendentes) é o verdadeiro motor da romanização, o processo de enculturação pelo qual as comunidades se integraram nos novos "mapas mentais" do Império (um mundo maior, incomensuravelmente variado nas suas gentes, um poder central invisível, mas predominantemente benigno e até, por vezes, generoso). Esta mobilidade social e o quadro urbano onde ela se desenvolve foram as principais alavancas da paz social que se viveu no ocidente desde o reinado de Augusto e até bem entrado o séc. II. A adoção da cultura romana veio dar um novo aspeto aos quadros tradicionais da penosa sobrevivência na estrita dependência do ciclo natural e (pior) da sua eventual irregularidade. Apesar de uma baixa esperança de vida o mundo romano assistiu a um assinalável crescimento populacional global, pelo menos até a crise demográfica do séc. II, provocada pelas pestes; apesar da profunda desigualdade económica e do indiscutível chauvinismo dos romanos, o progresso social foi geral incluindo os provinciais nos novos mecanismos políticos (e o primeiro imperador não-romano foi um hispano, Trajano, que acedeu ao trono em 98).

Grandes movimentos históricos e civilizacionais, construídos sobre uma infinidade de modestos e sofridos percursos individuais, perdidos para nós senão nos mudos testemunhos onde, todavia, adivinhamos ainda um gesto e, em certas ocasiões, ouvimos ainda uma voz.

PARA SABER MAIS...

BEARD 2010; GIARDINA 1992

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de – O domínio romano em Portugal, Mem Martins, Europa-América, 1988.

ALFAYÉ VILLA, S.M. – “Sit tibi terra gravis: magical-religious practices againts restless dead in the ancient world”, in Marco Simón, F.; Pina Polo, F.; Remesal Rodríguez, J. (coord.) – *Formae mortis: el tránsito de la vida a la muerte en las sociedades antiguas*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2009, pp.181-216.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; Almeida, Ana P. – *Castro de São Laureço – Esposende*, Esposende, Câmara Municipal, 2008.

BEARD, Mary – *Pompeia*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010.

BOROBIA MELEND, Enrique Luis – *Instrumental médico-quirúrgico en la Hispania romana*, Madrid, Impresos Numancia S.A.,1988.

CALDERA DE CASTRO, Pilar (ed.) – *Convivium. El Arte de comer en Roma*, Badajoz, Asociación de Amigos del Museo de Mérida, 2003.

CALO LOURIDO, Francisco – *A Cultura Castrexa*, Vigo, A Nosa Terra, 1993.

CIL II – *Cfr.* Hübner, Ernst Willibald Emil

DELGADO, Manuela – “Elementos de sítulas de bronze de Conimbriga”, *Conimbriga*, IX, Coimbra, 1970, pp. 15-40.

DIAS, Lino Tavares – “Necrópoles no territorium de Tongobriga”, *Conimbriga*, XXXII-XXXIII, Coimbra, 1993-94, pp. 107-136.

DIAS, Lino Tavares – *Tongobriga*, Lisboa, IPPAR, 1997.

DIAS, Lino Tavares – “O estuque na arquitetura romana no Norte da Meseta”, *Actas do I Encontro Sobre os Estuques Portugueses*, Porto, Museu do Estuque, 2008, p. 22-29.

DRAGENDORFF, Hans – *La sigillée: contribution à l'étude de l'histoire de la céramique grecque et romaine*, Avignon, 1980.

ENCARNAÇÃO, José d' – “A religião”, in Marques, A. H. de Oliveira – *Nova História de Portugal*, v. I, Lisboa, Presença, 1990.

ENCARNAÇÃO, José d' – “Das religiões e das divindades indígenas na Lusitânia”, in Ribeiro, José Cardim (coord.) – *Religiões da Lusitânia – Loquntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 11-16. Disponível em linha em: <http://hdl.handle.net/10316/27809>

ENCARNAÇÃO, José d' – “O mágico simbolismo de uma árua conimbricense”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 58, Coimbra, 2013, pp. 147-151. Disponível em linha em: <http://hdl.handle.net/10316/25163>

ENCARNAÇÃO, José d' – “Manifestaciones religiosas en la Lusitania romana occidental”, in Álvarez Martínez, J. M.; Carvalho, A.; Fabião, C. (ed.) – *Lusitania Romana – Origen de Dos Pueblos*, Studio Lusitana, 9, Mérida, Museo Nacional de Arte Romano, 2015, pp. 267-273. Disponível em linha em: <http://hdl.handle.net/10316/28664>

FABIÃO, Carlos – “O passado proto-histórico e romano”, in Mattoso, José (coord.) – *História de Portugal*, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, pp. 79-299.

FERNÁNDEZ Vega, Pedro Ángel – *La casa romana*, Ediciones Akal, 2003.

FLANDRIN, Jean-Louis; Montanari, Massimo (dir.) – *História da alimentação*, 1. *Dos primórdios à Idade Média*, Lisboa, Terra-mar, 1998.

GALLAECTIA PETREA, Xunta de Galicia, s.l., 2012.

GARNSEY, P. – *Alimentação e sociedade na Antiguidade Clássica. Aspectos materiais e simbólicos dos alimentos*, Cambridge, 2002.

GIARDINA, Andrea (dir.) – O Homem romano, Lisboa, Editorial Presença, 1992.

GRIMAL, Pierre – *La vida en la roma antigua*, Paidós Iberica, 1993.

HAYES, J. W. – *Late Roman Pottery*, London, The British School at Rome, 1972.

HOPE, V. – “Contempt and respect: the treatment of the corpse in Ancient Rome” in Hope, V.; Marshall, E. (ed.) – *Death and disease in the Ancient city*, London, Routledge, 2000, pp. 104-127.

HOPE, V. – *Death in Ancient Rome. A sourcebook*, London, Routledge, 2007.

HOPE, V. – *Roman death. The dying and the dead in Ancient Rome*, London, Continuum, 2009.

HÜBNER, Ernst Willibald Emil – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II – *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim, Academiae Litterarum Regiae Borussicae, 1869. Disponível em linha em <http://arachne.uni-koeln.de/books/CILvII1869>

HÜBNER, Ernst Willibald Emil – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II *Supplementum – Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim, Academiae Litterarum Regiae Borussicae, 1892. Disponível em linha em: <http://arachne.uni-koeln.de/books/CILv2suppl1892>

ISINGS, C. – *Roman glass from dated finds*, Archaeologica Traiectina, Jacarta, 1957.

LEÃO, Delfim Ferreira – *Petrônio: Satyricon. Introdução e tradução do latim*, Lisboa, Cotovia, 2005.

LIMA, António Manuel de Carvalho – “Os Mosaicos da Igreja de Santa Maria do Freixo e a Ecclesia de Tongobriga, Paróquia da Diocese Portucalense no Século VI”, *Cadernos de Tongobriga*, 1, Porto, EAF/ DRCN, 2012.

LUDI ROMANI: *espectáculos en Hispania Romana*, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2002.

NOY, D. – “Romans”, in Davies, D.J.; Mates, L.H. (ed.) – *Encyclopedia of Cremation*, Hants, Ashgate, 2005, pp. 366-368.

PEREIRA, Maria Helena Rocha – *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Romana*, v. II, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PÉREZ OUTEIRÍNHO, B. – “De ourivesaria castrexa. I. Arracadas”, *Boletín Auriense*. Anexo I, Ourense, Museo Arqueológico Provincial, 1982.

PONTE, Salete da – *Corpus Signarum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009.

REDENTOR, Armando José Mariano – *A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*, Coimbra, Faculdade de Letras, 2011. Disponível em linha em: <http://hdl.handle.net/10316/19989>

REQUENA Jiménez, M. – “Nerón y los Manes de Agripina”, *Historiae*, 3, 2006, pp. 83-378.

RIC – *Cfr.* WEBB, Percy H.

RODRÍGUEZ COLMENERO, A. – “Pedras Formosas. Un Nuevo Matiz Interpretativo”, in Fernández Ochoa, Carmen; García Entero, Virginia – *Termos Romanas en el Occidente del Imperio. II Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón*, Gijón, Principado de Asturias/ Ayuntamiento de Gijón/ Universidad Autonoma de Madrid, 2000, pp. 397-402.

SARMENTO, Francisco Martins – “Inscrições inéditas”, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2ª Série, 4(4), 4(5) e 4(7), Lisboa, 1883 – 84, pp. 58-59, 69-70 e 105-106

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, 2ª ed., Paços de Ferreira, Câmara Municipal, 2007.

SUÁREZ PIÑEIRO, Ana M. – *A vida cotiá na Galicia romana*, Santiago de Compostela, Lóstrego, 2006.

TOYNBEE, J.M.C. – *Death and burial in the roman world*, London, Thames and Hudson, 1971.

VAQUERIZO GIL, D. – “Espacios, hábitos y usos funerarios en la Hispania romana: reflexiones y últimas novedades”, in Andreu, J.; Espinosa, D.; Pastor, S. (ed.) – *Mors omnibus instat: aspectos arqueológicos, epigráficos y rituales de la muerte en el Occidente Romano*, Colección Estudios, Madrid, Ediciones Liceus, 2011, 191-230.

VÁZQUEZ VARELA, José M.; García Quintela, Marco V. – *A vida cotiá na Galicia castrexa*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 1998.

WEBB, Percy H. – “The Roman Imperial Coinage. Valerian to Florian”, in Mattingly, Harold; Sydenham, Edward A. – *The Roman Imperial Coinage*, vol. V, Part I, London, Spink & Son, Ltd, 1927.

ÍNDICE

03	PREFÁCIO	79	DESFUTAR
		86	Adereços
07	DO GALAICO AO ROMANO	93	Joalharia
13	Fragmentos de vida	104	Cerâmica de luxo
		110	Entesouramento
19	NASCE	111	Decoração
24	Infância	118	Iguarias
		119	Lazer
27	SOBREVIVER		
32	Agricultura, arboricultura e recolção	121	ORAR
34	Criação de gado	125	Amuletos
36	Tecelagem	128	Iluminação/ ambiente
47	Moagem	130	Epigrafia
48	Metalurgia		
		135	MORRER
51	VIVER	141	Sepultura do século IV d.C.
56	Serviço de cozinha	148	Sepultura do século II d.C.
60	Serviço de mesa	150	Sepultura do século I d.C.
75	Despensa/ armazenamento		
		154	BIBLIOGRAFIA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Mudar de vida

EXPOSIÇÃO

CONCEÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
António Manuel Lima

ARQUITECTURA E DESIGN
Rui Mendonça

ASSESSORIA TÉCNICA
Isabel Silva

SELEÇÃO DE PEÇAS
António Manuel Lima
e António Freitas

TEXTOS
António Manuel Lima

TRADUÇÃO
(PORTUGUÊS – CASTELHANO)
Belém Campos Paiva
(PORTUGUÊS – INGLÉS)
Jorge Martins Araújo
e Elsa Correia

AUDIOVISUAIS
Estação Arqueológica do Freixo
Museu D. Diogo de Sousa
Escola Profissional de Arqueologia
Digivision

CONSERVAÇÃO E RESTAURO
CERÂMICAS
NOVARQUEOLOGIA
José António Pereira,
Hélder Moura,
e Rosa Gerales

PEÇAS METÁLICAS
MUSEU D. DIOGO DE SOUSA
Vítor Hugo Torres
e Palmira Ramoa

Materiais provenientes de intervenções
arqueológicas em *Tongobriga*,
dirigidas por Lino Tavares Dias (1980 – 2013),
Lino Tavares Dias/ Rudolf Winkes (2004 – 2008)
e António Manuel Lima (2014 – 2016)

CATÁLOGO

CONCEÇÃO
António Manuel Lima

TEXTOS
António Manuel S. P. Silva,
António Manuel Lima,
Virgílio Hipólito Correia,
Rui Morais,
Maria Pilar Reis,
José d'Encarnação,
e Filipa Cortesão Silva

DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAIS
Rosa Salvador Mateos,
António Manuel Lima,
António Freitas,
e Inés López-Doriga

CONCEÇÃO E DESIGN EDITORIAL
Rui Mendonça
COLABORAÇÃO
Noémia Guarda

REVISÃO
António Manuel Lima
e Jorge Martins Araújo

ISBN
0000000000

DEPÓSITO LEGAL
0000000000

